

Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025

## Um estudo psicanalítico sobre a repetição e a permanência de mulheres em relações tóxicas heterossexuais

*A psychoanalytic study on the repetition and persistence of young and adult women in toxic heterosexual relationships*

**Jarine Urbano da Costa** - Graduanda do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade da Amazônia – UNAMA Rio Branco.

**Yasmin Cristine Brasil da Silva** - Graduanda do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade da Amazônia – UNAMA Rio Branco.

**Maurício Joaquim dos Santos** - Graduado em Psicologia. Neuropsicólogo. Neuropsicanalista. Professor orientador do curso de Psicologia pela Faculdade da Amazônia – UNAMA Rio Branco.

### Resumo

Este estudo busca lançar luz sobre as dinâmicas relacionais de vínculos amorosos tóxicos, analisando a repetição e a permanência feminina nesse contexto, compreendendo-as não como uma escolha consciente, mas como a manifestação de complexos processos psíquicos. O estudo aborda a mecânica de como o sujeito pode se encontrar preso a ciclos destrutivos, vivenciando o retorno de vivências não elaboradas que se manifestam nos relacionamentos. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utiliza a revisão bibliográfica como metodologia para aprofundar o entendimento do tema. Fundamentada na psicanálise, explora-se conceitos como a *Compulsão à Repetição*, de Freud, e a teoria da *Falta* na constituição do sujeito de Lacan. A análise busca explorar como a idealização do objeto amoroso e a busca por reparar vivências afetivas da infância se articulam com as construções socioculturais que ensinam o amor como sendo sacrifício e tolerância. Os resultados atestam que a dinâmica repetitiva e perene é resultada de um emaranhado de mecanismos inconscientes, crenças enraizadas e de normas sociais internalizadas. Em suma, ao investigar as raízes psíquicas e os padrões de comportamentos disfuncionais, o trabalho contribui para o entendimento de como a mente, mesmo arraigada nesses ciclos, pode criar caminhos para escolhas mais conscientes e saudáveis.

**Palavras-chave:** Psicanálise; repetição; relacionamentos tóxicos; sofrimento psíquico; permanência; feminino; amor.

### Abstract

This study seeks to shed light on the relational dynamics of toxic romantic attachments, analyzing the repetition and persistence of women in this context, understanding them not as a conscious choice, but as the manifestation of complex psychic processes. The study addresses the mechanics of how an individual may find themselves trapped in destructive cycles, experiencing the return of unprocessed experiences that manifest in relationships. The research, which uses a qualitative approach, employs a literature review as a methodology to deepen the understanding of the subject. Grounded in psychoanalysis, it explores concepts such as Freud's Compulsion to Repeat and Lacan's theory of Lack in the constitution of the subject. The analysis seeks to explore how the idealization of the romantic object and the pursuit of repairing childhood affective experiences intersect with sociocultural constructions that teach love as being about sacrifice and tolerance. The results attest that the repetitive and enduring dynamics are the result of a tangle of unconscious mechanisms, ingrained beliefs, and internalized social norms. In short, by investigating the psychic roots and patterns of dysfunctional behaviors, the work contributes to the understanding of how the mind, even rooted in these cycles, can create new pathways for more conscious and healthy choices.

**Keywords:** Psychoanalysis; repetition; toxic relationships; psychological suffering; permanence; feminine; love.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025

## INTRODUÇÃO

As relações amorosas ocupam um espaço central na constituição subjetiva do ser humano. Desde a infância, o sujeito é atravessado por experiências afetivas que moldam sua forma de se vincular, desejar e significar o amor. Quando esses vínculos iniciais são marcados por ausência, rejeição, negligência ou idealização excessiva, podem gerar marcas psíquicas que se repetem ao longo da vida adulta, especialmente no campo amoroso. Em muitos casos, essas marcas se manifestam na forma de relações tóxicas, vínculos permeados por manipulação emocional, dependência afetiva, desequilíbrio de poder e sofrimento constante. É nesse contexto que se insere o presente estudo, que busca compreender os mecanismos inconscientes e socioculturais que levam mulheres a repetir e permanecer em relações marcadas pela dor, mesmo quando há consciência do prejuízo envolvido.

O fenômeno das relações tóxicas ultrapassa o campo da escolha racional. Muitas mulheres que reconhecem o sofrimento presente nesses vínculos ainda assim encontram dificuldade em se desvincular, o que evidencia a presença de forças inconscientes em jogo. A Psicanálise, desde Freud, oferece uma lente privilegiada para compreender essas repetições, pois investiga as motivações inconscientes que determinam comportamentos e escolhas aparentemente irracionais. Freud (2011), em Recordar, Repetir e Elaborar, descreve a compulsão à repetição como uma tendência do sujeito a reviver experiências não elaboradas, na tentativa inconsciente de dominá-las ou repará-las. Assim, muitas mulheres acabam buscando no parceiro atual o reencontro com figuras do passado, pais ausentes, cuidadores ambivalentes, ou relações infantis marcadas pela falta e pela espera.

A relevância deste estudo está em dar visibilidade a um sofrimento psíquico que, embora silencioso, é extremamente comum. As relações tóxicas não se restringem a situações de abuso explícito ou violência física, mas englobam também dinâmicas sutis de dependência, culpa e autoanulação. A permanência nesse tipo de relação afeta diretamente a autoestima, a percepção de valor próprio e a capacidade de estabelecer limites saudáveis. Como afirma Pereira (2023), a mulher que se vê presa a um relacionamento adoecido muitas vezes internaliza o discurso de que amar é suportar e de que o sofrimento faz parte do amor. Essa crença, sustentada por séculos de construções patriarcais e discursos religiosos e morais, reforça a ideia de que a mulher deve se sacrificar pela relação e permanecer, mesmo quando o vínculo a destrói.

A escolha da Psicanálise como base teórica desta pesquisa justifica-se pela sua capacidade de articular o individual e o coletivo, o consciente e o inconsciente, o desejo e o sintoma. A abordagem psicanalítica permite compreender como experiências da infância, ideais internalizados e identificações inconscientes se entrelaçam com as exigências culturais e sociais que moldam a subjetividade feminina. A mulher que repete relações tóxicas, portanto, não o faz por fraqueza ou ignorância, mas por uma dinâmica psíquica complexa que busca inconscientemente reparar faltas e repetir cenas primárias de amor e rejeição. Trata-se de um movimento onde o sofrimento,

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

paradoxalmente, se torna familiar e, por isso, difícil de abandonar.

A justificativa deste trabalho está ancorada na relevância clínica e social do tema. No campo clínico, compreender os fatores psíquicos que sustentam a permanência em vínculos adoecidos é fundamental para aprimorar o acolhimento e as intervenções terapêuticas voltadas ao público feminino. Na esfera social, discutir essas repetições contribui para o fortalecimento da autonomia das mulheres e para a desconstrução de padrões culturais que naturalizam a desigualdade e o sofrimento como componentes do amor. A permanência feminina em relações tóxicas é também um fenômeno social, pois reflete discursos internalizados de submissão, idealização e necessidade de aprovação masculina, herdados de uma estrutura patriarcal que historicamente define o valor da mulher a partir de sua capacidade de agradar e servir.

Além disso, esta pesquisa tem caráter formativo, pois surge de inquietações pessoais e observações clínicas e sociais que revelam a recorrência dessas dinâmicas em diferentes contextos. A constatação de que muitas mulheres, de diferentes idades, formações e histórias, vivenciam o mesmo tipo de vínculo, mesmo reconhecendo o sofrimento, indica que o problema transcende o nível individual. Trata-se de uma estrutura repetitiva que se atualiza em cada nova relação e que encontra suas raízes na constituição psíquica do sujeito, no modo como ele aprendeu a amar, desejar e ser amado.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os fatores inconscientes e socioculturais que contribuem para a repetição e a permanência de mulheres em relações tóxicas, à luz da Psicanálise. Especificamente, busca-se: identificar os principais mecanismos psíquicos que sustentam a permanência nesses vínculos; compreender como as experiências da infância e os modelos familiares influenciam os vínculos afetivos na vida adulta; e analisar de que forma a baixa autoestima, o medo da solidão e a idealização do parceiro reforçam a manutenção dessas relações. Esses objetivos visam não apenas a compreensão teórica do fenômeno, mas também a abertura de caminhos para novas práticas de escuta e intervenção clínica, centradas na singularidade da experiência feminina.

No que se refere à metodologia, o presente trabalho baseia-se em uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa e caráter exploratório. Essa escolha permite reunir, comparar e analisar produções teóricas relevantes sobre o tema, com foco nas contribuições da Psicanálise e de autores contemporâneos que dialogam com os aspectos inconscientes e socioculturais do amor e da repetição. Serão utilizadas obras clássicas de Freud, Lacan e autores atuais como Suy (2022), Ferrante e Sousa (2021), Pereira (2023), entre outros, articulando teoria e fenômeno. A revisão bibliográfica possibilita compreender o estado atual das pesquisas sobre o tema e identificar lacunas de conhecimento que justifiquem novas reflexões sobre a repetição feminina em vínculos tóxicos.

Além disso, a metodologia permitirá discutir o tema sob um viés interdisciplinar, integrando conceitos da psicanálise com aportes da psicologia social e das teorias de gênero. A análise das obras

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

será conduzida por meio de leitura crítica e fichamento teórico, buscando extrair dos textos categorias de sentido que evidenciem as formas de repetição, os mecanismos de idealização e os efeitos da cultura sobre a subjetividade feminina. Não se pretende oferecer respostas prontas, mas lançar luz sobre o funcionamento psíquico e simbólico que sustenta a permanência no sofrimento, revelando como o inconsciente se entrelaça com as narrativas sociais de amor, dever e entrega.

A importância de compreender essas dinâmicas está também em seu potencial transformador. Identificar os mecanismos que mantêm a mulher presa ao ciclo de repetição é o primeiro passo para a mudança. Ao reconhecer o padrão e suas origens, a mulher pode ressignificar sua história, fortalecer seu Eu e reconstruir seus modos de amar de maneira mais consciente e autônoma. A Psicanálise oferece, nesse sentido, um caminho de elaboração: ao falar sobre o que se repete, o sujeito se escuta e se apropria de sua própria história, abrindo espaço para o novo.

O tema se mostra especialmente relevante em um contexto contemporâneo onde as relações interpessoais são marcadas por paradoxos: o excesso de exposição e, ao mesmo tempo, o medo da intimidade; o desejo de liberdade e a persistência da dependência emocional; a busca pelo amor e a dificuldade de sustentá-lo de forma saudável. As redes sociais, as idealizações românticas e os padrões estéticos reforçam expectativas irrealistas sobre o amor e o corpo, alimentando dinâmicas de comparação e validação externa. Nesse cenário, compreender as raízes inconscientes da repetição torna-se uma ferramenta fundamental para a emancipação emocional.

A ferramenta de inteligência artificial ChatGPT foi utilizada para a preparação deste trabalho, com o objetivo de ajudar a produzir texto de forma mais fluente, ajudar a estruturar tópicos e ajudar a encontrar artigos e materiais atualizados sobre o tema. A tecnologia foi usada como um complemento e não como um substituto para a análise crítica e a construção de autoria da pesquisa.

Em síntese, esta introdução busca situar o leitor no campo de investigação proposto: compreender, sob a ótica psicanalítica, por que tantas mulheres permanecem em relações que as adoecem, mesmo reconhecendo o sofrimento. Mais do que apontar causas, este trabalho propõe uma escuta — uma escuta do inconsciente, da dor e da história que se repete. Ao fazê-lo, pretende contribuir para o debate acadêmico, clínico e social sobre o amor, o desejo e a autonomia feminina, reafirmando que compreender é o primeiro passo para transformar.

## **CONTEXTO HISTÓRICO DAS RELAÇÕES AMOROSAS**

Ao longo dos anos e das culturas, a motivação de união entre duas pessoas em uma perspectiva a se unirem em uma relação tem sido objeto causado por múltiplos fatores. Conforme pontua os autores que trazem uma luz sobre esse fenômeno alegam uma diversidade das motivações para se dar esse elo, “ao longo dos anos o relacionamento amoroso tem sido interpretado de diversas maneiras, desde uma forma de assegurar a continuidade da espécie, até uma estratégia para

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

fortalecer alianças políticas e/ou romantismo" (RÜDIGER 2012 *apud* MATOS; DE OLIVEIRA; PAQUIELA, 2023, p. 24097), essa perspectiva demonstra que as relações são um produto de resultado de diversas construções culturais e simbólicas de período de anos, questões culturais e sociais da sociedade. Essas dinâmicas refletem como as sociedades se organizaram e o modo como impacta, no presente, essa constituição, além da atribuição de laços afetivos.

Sobre esse aspecto, Matos, De Oliveira e Paquiela (2023) estabelecem que relacionamentos românticos podem ser descritos como laços emocionais formados entre pessoas que podem vir de diferentes origens familiares e que estão ligados por seus sentimentos de amor. Esses laços podem assumir muitas formas, como namoro, casamento, coabitação estável ou até mesmo relacionamentos mais informais. Além do afeto, espera-se que tais relacionamentos sejam sustentados por elementos fundamentais como confiança, respeito, cumplicidade e reciprocidade, que são aspectos essenciais para o equilíbrio e a qualidade de vida como casal. Diante do que foi apresentado, salienta que os relacionamentos românticos são um local de trocas emocionais e afetivas diante dos sujeitos. Onde o indivíduo é confrontado tanto com outros quanto com seus próprios padrões amorosos.

Aprofundando o tema, comprehende-se que é uma dinâmica complexa e desafiadora na qual a relação romântica é atravessada por tendências que parecem opostas: o desejo de se fundir com o outro e a preservação da própria identidade. Corroborando essa reflexão, os autores complementam que:

A relação amorosa constitui-se enquanto um fenômeno de movimentos opostos, na qual o desprendimento e a admiração mútua resultam em uma forma do entendimento e da compreensão do casal estabelecido. Por este prisma, uma relação saudável seria aquela em que cada indivíduo tem a sua própria identidade e deseja fazer o bem à pessoa amada, sem esperar recompensa (ROSSET, 2004 *apud* ALMEIDA; RODRIGUES; SILVA, 2008 p. 85).

Esta visão levanta a questão de que o amor maduro não consiste em reconhecer o outro como um sujeito separado apenas, dotado de seus próprios desejos e limites, mas que esse ser humano apesar dessas questões, mantém uma conexão emocional com respeito embutido.

Olhando de uma ótica psicológica, a ideia expressa nesta visão do relacionamento é que um equilíbrio entre o eu e o outro é necessário para manter uma relação saudável. Quando há respeito e trocas, o amor cria um espaço emblemático entre as duas pessoas envolvidas. Mas, se a conexão for baseada em ações como dependência, idealização ou vontade de preencher um vazio, a união pode se tornar desigual e resultar em dor, angústia, sofrimento e excessos.

Conforme Almeida, Rodrigues e Silva (2008) explicam, o amor considerado saudável não se baseia em fusão e posse, mas no interesse em cuidar do outro sem se aniquilar ou aniquilar o outro, mantendo o vínculo através da liberdade e aceitação da individualidade do outro. A abordagem da psicanálise propõe que o amor é concebido como um encontro de dois sujeitos desejantes.

Os autores corroboram essa ideia quando ressaltam que:

Numa relação amorosa, as pessoas vivenciam intensas experiências, praticam a convivência

e a interação com o outro, exploram uma variedade de sentimentos e emoções, o que pode contribuir para o desenvolvimento de suas habilidades interpessoais. (ADOLPHO, 2017 *apud* MATOS; DE OLIVEIRA; PAQUIELA, 2023, p. 24098).

Essa concepção evidencia que os relacionamentos românticos são uma das expressões mais complexas da afetividade humana, envolvendo fatores emocionais, sociais e simbólicos que transcendem a simples atração entre duas pessoas. Assim, situando o relacionamento romântico como uma formação histórica e simbólica, não apenas biológica, pensando em termos de como isso é articulado às dinâmicas inconscientes e demandas subjetivas, utiliza-se a perspectiva psicanalítica para auxiliar esse documento.

### 1.1 Compreendendo os Relacionamentos Tóxicos

Os relacionamentos tóxicos, de acordo com Ferrante e Souza (2021) configuram-se como conexões afetivas marcadas por comportamentos prejudiciais, desequilíbrio emocional e dinâmicas de controle e submissão, que comprometem o bem-estar de um ou de ambos os envolvidos. Compreende-se, portanto, que tais conflitos são diferentes de embates ocasionais naturais em qualquer relação, os comportamentos indicados permanecem em condições comportamentais específicas, causando sofrimento e podem se tornar uma forma de dano severo. Em conformidade ainda com o estudo dos autores, Ferrante e Souza (2021) observam que esses laços disfuncionais se caracterizam pela repetição constante de atitudes que ferem a integridade emocional, como manipulações, desvalorização, ciúmes excessivos, isolamento social ou instabilidade afetiva. Deste ponto de vista, ao considerar a perspectiva psicanalítica pode-se supor que essas dinâmicas se sustentam por mecanismos psíquicos inconscientes, que dificultam a possibilidade de rompimento do vínculo mesmo quando o sofrimento se torna insuportável. No entanto, embora essas relações tóxicas possam se enraizar e ocorrer em diferentes contextos, como familiares no sentido mais amplo da palavra, profissionais e sociais, este estudo volta-se especificamente para os vínculos amorosos. Portanto, escolher ou continuar em relacionamentos tóxicos não é uma escolha consciente e racional, mas sim uma resposta a profundos processos subjetivos, que estão inscritos na história emocional do sujeito e nas maneiras como ele aprendeu a amar e ser amado.

## O IMPACTO SOCIOCULTURAL

Pensando no impacto cultural sobre a sociedade, conforme aponta Pereira (2023, p. 09–10), os homens são culturalmente vistos como aqueles que detêm o poder e ocupam a posição dominante nas relações, enquanto às mulheres é socialmente atribuído o papel de servir, cuidar e tolerar, tanto no âmbito da relação conjugal quanto no cuidado com os filhos. Ao analisar esse fenômeno, pode-se perceber que essa construção cultural favorece a internalização de um ideal baseado na doação total, no qual a mulher é ensinada a se sacrificar pela relação. Muitas vezes, acredita-se que o verdadeiro

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

amor suporta tudo, inclusive a dor, o sofrimento e até mesmo a violência. A autora complementa essa ideia ao afirmar que esse discurso romantizado contribui para que muitas mulheres permaneçam em vínculos prejudiciais, sustentando a crença de que suportar o insuportável é uma demonstração de afeto e compromisso.

As relações de gênero são um dos principais eixos que estruturam a subjetividade, através da qual tudo, desde processos de socialização até a forma como cada indivíduo vivencia relações afetivas, é influenciado. Aprofundando mais sobre o assunto, é importante frisar:

As relações de gênero são onipresentes em nossa sociedade, organizando as dinâmicas de poder e de afeto entre os sujeitos. Os adolescentes estão sujeitos a essas normativas de uma maneira particular, uma vez que se encontram em uma importante etapa de constituição subjetiva e de vivência dos primeiros vínculos afetivo-sexuais. (COSTA et al., 2023 p. 249)

Sob este ponto de vista, entende-se que o gênero não é apenas uma categoria social, mas também um instrumento simbólico que atravessa a construção individual e, inconscientemente, cria modos de desejar, relacionar-se consigo mesmo e as outras pessoas, e entender o amor.

Zanello (2022) enfatiza que as meninas frequentemente são ensinadas que o amor deve ser o foco de suas vidas e por outro lado, os meninos aprendem a ter diversos interesses e a ligar o amor com conquista, controle e desempenho. E esses modelos, aprendidos de dentro para fora, tornam-se princípios organizadores inconscientes que moldam as preferências românticas e os estilos de apego na vida adulta. Esses papéis de submissão, cuidado e dependência emocional, contemplados nas primeiras experiências afetivas e internalização inconsciente de normas socioculturais, são muitas vezes reproduzidos por mulheres jovens e adultas sem saber por quê.

No campo da psicanálise, reconhece-se que a subjetividade é moldada nos encontros iniciais com amor, desejo e reconhecimento, principalmente com os primeiros cuidadores e o ambiente em que é inserido. Esse processo é ainda marcado também durante a adolescência, um período caracterizado por intensas mudanças psicológicas e físicas, o que faz dele um lugar ideal para a socialização das normas culturais e a carga recebida da família, escola e mídia. Nessa fase, o indivíduo busca afirmar sua identidade e entrar em contato com o amor, dentro de um simbólico que foi apresentado a ele e a maneira como ele interpreta esse movimento.

Compreender a gênese dessas estruturas é essencial para considerar que tanto mulheres jovens quanto adultas permanecem em relações tóxicas, que tal experiência não é uma coincidência, mas sim uma repetição inconsciente do que foi aprendido como uma forma legítima de se posicionar nas relações amorosas.

A pesquisa de Zanello (2022), implica que a subjetividade feminina é construída culturalmente através do dispositivo do amor. Segundo esse conceito, as mulheres são criadas para se sentirem socialmente como se estivessem na “prateleira do amor”, portanto, sua autoaceitação e aprovação social dependem da possibilidade de que um homem as veja na prateleira e a selecione.

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

Essa perspectiva é fundamental para perceber um efeito direto de tal construção sobre o ato de permanecer em um relacionamento tóxico, ponto importante para este trabalho. O fenômeno que a autora traz mexe principalmente com a perspectiva de valor que a mulher tem de si mesma. Percebe-se uma internalização de crenças, na qual pode ser uma ruína não ser escolhida pelo outro e não estar em um relacionamento é visto como fracasso, essas concepções introjetadas dentro si pode implicar a mulher se manter na relação mesmo com sofrimento, por medo de voltar a ocupar um lugar na prateleira e com uma denominação de encalhada ou fracassada. Essa ameaça opera de forma tão significativa que o sofrimento de permanecer na relação prejudicial, embora intenso, pode ser psiquicamente mascarado como menos devastador do que o medo de sair da relação. A autora Zanello (2022) explica ainda que muitas mulheres ao romper sentem-se invalidadas, como se não tivessem potencial nem de "manter um homem" ou de "consertá-lo", entendendo isso como incapacidade pessoal. Essa construção social também dialoga com aspectos que colocam a mulher como a responsável pelo relacionamento dar certo e que ter um relacionamento é resultado de sucesso na vida.

As normas sociais exercem um impacto significativo nas relações amorosas. Conforme apontam Jacinto, Felipe e Souza (2024), tais normas influenciam a forma como os relacionamentos são percebidos, especialmente ao reforçar a romantização do amor e a crença de que os relacionamentos amorosos devem ser mantidos a qualquer custo. Diante disso, essa passagem se articula com o presente trabalho, mostrando que existe uma influência sociocultural com a repetição e a permanência de mulheres em relações tóxicas. Nesse sentido, os autores destacam:

Essa norma pode ser especialmente perigosa em contextos de relacionamentos abusivos, pois reforça a ideia de que o parceiro deve ser “salvo” ou que o amor verdadeiro é aquele que resiste a todas as adversidades, mesmo que essas adversidades incluam comportamentos prejudiciais. (JACINTO; FELIPE; SOUZA, 2024, p. 6766)

Nessa lógica, percebe-se que a mulher é exposta a fatores que contribuem para que ela confunda os conflitos normais que ocorrem em relações e os danosos, levando-a a permanecer ainda mais nos relacionamentos prejudiciais e a confundir amor com sofrimento, pois há uma internalização de que se for verdadeiro perdurará, impulsionando a mulher a investir ainda mais nas relações amorosas e colocar sua energia libidinal centrada nesta aposta.

No entanto, como afirma Kuss (2014), essa ideia de que ter um outro será suficiente e tudo irá se encaixar, como a metade da laranja é ilusória, pois o amor não elimina a falta. O amor não tem o poder de curar o que parece estar faltando, porque essa falta faz parte de quem o sujeito é. Na tentativa de lidar com esse vazio, muitas vezes projeta-se no outro a expectativa de que ele tragará algo que inteiramente complete, como se pudesse restaurar aquilo que se percebe como faltante, mesmo sem saber ao certo o que é. Dessa forma compreende-se que essa idealização pode ter um

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

efeito psíquico profundo: o apagamento do próprio desejo. Ao idealizar o outro como figura de completude, o sujeito passa a colocar o foco não no que deseja, mas no que o outro representa, seja como salvador, como fonte de sentido ou como resposta à sua falta. Com isso, deixa de se perguntar “O que eu quero?”, e passa a viver em função de “O que eu preciso que o outro seja para mim?”.

Muitas vezes, a pessoa se molda para manter viva essa fantasia, renunciando a partes de si mesma. Quando coloca no outro a expectativa de preencher aquilo que sente faltar, acaba deixando de ouvir seus próprios desejos. Seu foco passa a girar em torno do que o outro representa, e assim, seu desejo se enfraquece, ficando preso à ilusão de que o outro pode completá-la. Por conseguinte, o risco dessa idealização acaba abrindo caminho para o silenciamento do desejo e para a repetição de relações marcadas pela frustração, seja na busca incessante pela pessoa certa evidenciando a repetição, seja na permanência em relações prejudiciais por acreditar que já a encontrou.

Essa ideia de que alguém pode completar o outro começa muito cedo, ainda na infância. Quando o bebê sente fome ou desconforto, ele chora, e então a mãe, ou quem ocupa essa função, aparece para atender sua demanda. Nesse momento inicial, ocorre o que Freud (1996) descreve como uma primeira experiência de satisfação, a partir da qual o bebê cria uma imagem de completude, acreditando que o outro pode suprir todas as suas necessidades. Assim, forma-se a sensação de que existe alguém capaz de preencher todos os vazios. Contudo, conforme a criança cresce, ela percebe que o outro nem sempre responde como esperado. É nesse ponto que se instala a frustração e, com ela, o que Lacan (1998) chama de falta, a constatação de que o objeto do desejo é inalcançável. Para o autor, é justamente essa ausência do objeto absoluto que inaugura o desejo e constitui o sujeito. A criança, então, deixa de viver na ilusão de completude e passa a desejar, movida por aquilo que lhe falta. Mais tarde, essa dinâmica reaparece no campo amoroso. Como explica Kuss (2014), o amor não tem o poder de acabar com a sensação de que algo nos falta. Em vez disso, amar é uma forma de lidar com essa falta, de dar algum sentido para ela, mesmo que ela continue existindo. O amor, então, não preenche totalmente o vazio, mas ajuda a suportá-lo.

Quando essa fantasia de completude não é questionada, ela pode levar a pessoa a entrar e permanecer em relações que fazem mal, acreditando que, com um pouco mais de esforço, o parceiro finalmente se tornará aquilo que ela idealizou. Isso é muito comum em mulheres que, desde cedo, aprenderam a se colocar no lugar de quem cuida, espera e insiste. Mesmo diante de sinais claros de sofrimento, elas continuam acreditando que o amor pode consertar o outro ou transformar a relação.

## **COMPULSÃO À REPETIÇÃO E PERMANÊNCIA**

Na psicanálise, essa insistência pode ser compreendida como uma repetição, um retorno inconsciente a situações antigas não elaboradas. Freud (2011), em seu texto Recordar, Repetir e Elaborar, descreve esse mecanismo como uma forma de reviver no presente os afetos do passado.

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

Diante disso, comprehende-se por que as mulheres podem ficar presas a esses padrões relacionais, é uma tentativa inconsciente de reencenar e tentar produzir um desfecho diferente para os acontecimentos iniciais e do passado.

Sobre a repetição, Bernardino, De Matos e Da Rosa (2024) assinalam que as escolhas não são resultado do acaso nem dependem apenas da razão. Processos inconscientes e padrões que persistem ao longo das gerações exercem uma forte influência sobre elas, determinando tudo, desde nossas visões de mundo até como criamos nossos laços emocionais e sociais. Essa reflexão fornece apoio direto ao presente estudo, na medida em que sugere que as escolhas emocionais são feitas não apenas através de decisões conscientes, mas também por processos psicológicos mais profundos, que estão enraizados na história individual e familiar.

E assim, a dependência em relacionamentos prejudiciais pode ser vista como a repetição desses ciclos inconscientes, onde, sob a influência de marcas psíquicas do passado, uma pessoa tende a formar laços que simplesmente trazem de volta experiências anteriores. Sob a ótica psicanalítica essa dinâmica inconscientemente leva de volta para reparar questões pendentes deixadas por sua própria história.

Conforme Kuss (2014), ao se basear nas ideias de Lacan, explica que no amor muitas vezes busca-se por algo que nunca consegue alcançar de verdade. É como se houvesse um esforço contínuo de sempre tentar acertar um alvo, mas falhasse o tempo todo, então pode-se dizer que amar também é errar o alvo. Contudo, nas relações tóxicas a repetição, muitas vezes, está ligada a uma busca insistente por algo que nunca será plenamente alcançado, mas que mesmo assim sustenta o vínculo. Com base no exposto, entende-se que o sofrimento, nesse caso, não é acidental, ele passa a fazer parte da relação como uma tentativa constante de alcançar o impossível: ser amada de forma completa e curada por alguém que nunca poderá ocupar esse lugar.

Prosseguindo com essa reflexão, verifica-se que mesmo quando a realidade começa a mostrar que aquele parceiro não corresponde à idealização criada no início da relação, muitas pessoas continuam insistindo. Essa discussão evidencia que há uma crença que com tempo ou dedicação suficiente, o outro vai mudar e voltar a ser o “amor idealizado”. Essa dificuldade em romper o vínculo se sustenta na fantasia de que o parceiro certo ainda existe ali, basta ter paciência para que ele volte a aparecer. À luz das discussões realizadas percebe-se que os elementos discutidos fundamentam a hipótese deste trabalho, evidenciando que a repetição e a permanência feminina nessas relações danosas não se mantêm por apenas por questões conscientes, racionais ou por falta de vontade, pelo contrário é possível perceber que há algo a mais, algo mais profundo que move essas dinâmicas e há um processo subjetivo movendo esses acontecimentos.

Segundo Ferrante e Sousa (2021), nos relacionamentos tóxicos essa idealização inicial costuma ser rompida, mas o medo da solidão, a esperança de transformação e o apego emocional

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

fazem com que a pessoa permaneça, mesmo em meio ao sofrimento. Conforme as autoras destacam também, em alguns casos, esse apego toma uma forma mais grave, conhecida como amor patológico. A pessoa passa a viver em função do outro, anulando seus próprios desejos e aceitando situações prejudiciais em nome de um amor que, na prática, machuca mais do que acolhe. Esse entendimento, se articula então com a ideia de que quanto mais sofre, mais acredita que esse sofrimento é sinal de profundidade do vínculo, como se o amor verdadeiro fosse, necessariamente, doloroso.

## Pelas Lentes do Gênero

As relações amorosas são uma das cenas que se manifestam na maneira como sentimentos e desejos são sentidos e organizados entre as pessoas. Mas essas coisas não acontecem apenas de forma orgânica e neutra, elas são formadas por algo mais profundo, como culturalmente, pelos papéis de gênero aprendidos em sociedade e ambiente. Meninos e meninas são ensinados, desde pequenos, a se relacionar de maneiras diferentes, enquanto as mulheres são ensinadas a assumir papéis de cuidado, sensibilidade, nutrição e doação, os homens muitas vezes adotam os papéis de controle, força e racionalidade.

Costa et al. (2023) observam que, nos namoros, as meninas tendem a sofrer mais episódios de violências, o que indica uma maior exposição feminina a tais experiências. Este apontamento ressalta uma assimetria fundamental no impacto do gênero nas dinâmicas afetivas. As meninas são ensinadas a romantizar o amor, sendo assim ficam mais propensas a tolerar a agressão, devido a uma intensidade de sentimento que parece justificar o sofrimento. Esse processo, quando visto através de uma lente psicanalítica, é caracterizado por um investimento libidinal no outro, com mecanismos que bloqueiam o reconhecimento dos sinais da toxicidade, acabando induzindo sua repetição e permanência nestes tipos de vínculos.

Costa et al. (2023 p. 249) ainda reforça em sua pesquisa:

Para as meninas, a violência se apresenta como uma ameaça, que as interpela a partir de múltiplas interfaces: não só no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais, mas também após o término, por meio da mídia e das vivências de pessoas próximas.

Este comentário ilustra a profundidade com que a violência afeta as mulheres e depois explica por que é tão difícil para a maioria delas deixar seus relacionamentos. A violência não se restringe ao ato e à presença do agressor, mas se estende metaforicamente ao corpo coletivo, aos discursos e representações sobre a feminilidade. As meninas carregam, desde cedo, o fardo de ter que conviver com a ameaça dos homens e a culpa e o medo das mulheres. A violência, então, não é apenas vivida, mas de fato, naturalizada, por este motivo tantas mulheres têm dificuldade de sair de relacionamentos conturbados.

Em consonância com essa perspectiva, o estudo de Costa et al. (2023 p. 247) demonstra que

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

“pode-se afirmar que as situações de violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes são bastante diversas, relacionando-se intimamente à construção das masculinidades”. Essa citação mostra como à construção subjetiva dos sujeitos impacta nos tipos de relacionamentos amorosos que eles se mantêm. Os autores reforçam ainda mais adiante que:

Outra ideia central contida nesse tema é a de que meninos e meninas desempenham papéis distintos nos relacionamentos afetivo-sexuais, o que pode ser observado, por exemplo, nas relações com a agressividade e com modalidades de relacionamento como o ‘ficar’. Tais diferenças apontam para a perpetuação das desigualdades de gênero que culminam em desvantagens para as meninas, apesar de também colocarem os meninos em posição de vulnerabilidade. (COSTA et al., 2023 p. 247)

Esta passagem é essencial para compreender as nuances de como os gêneros se comportam inconscientemente, pois ilustra que meninos e meninas ambos sofrem com as normas culturais, apenas de formas diferentes. A tarefa da psicanálise é compreender como esses mecanismos são perpetuados no inconsciente das mulheres e quais outras maneiras são possíveis para realizar a elaboração e simbolização. Somente quando o sujeito percebe que seu sofrimento tem raízes no inconsciente e quais ideais os interpelam, é que se possível que se conheça e reconheça, é possível escolher outras formas para se relacionar e criar espaço para um vínculo que não é cópia, mas encontro com respeito e autonomia.

## A FAMÍLIA E A FORMAÇÃO DE VÍNCULOS

Essa compreensão dialoga com a perspectiva psicanalítica, especialmente com os apontamentos de Almeida e Neto (2021), para quem os estágios iniciais da vida do bebê são fundamentais. Além disso, também destaca que a criança chega ao mundo em um estado de total dependência do cuidador, e a forma como ela é cuidada influencia diretamente sua constituição psíquica. Nesse sentido, é importante destacar que os vínculos afetivos estabelecidos nos primeiros momentos de vida não apenas influenciam a forma como o sujeito irá se relacionar no futuro, mas também moldam profundamente sua estrutura emocional. A partir dessa compreensão, percebe-se que a ausência de um ambiente acolhedor e sustentador pode deixar marcas psíquicas duradouras, que se manifestam em dificuldades relacionais, baixa autoestima, inseguranças, medo do abandono e até na permanência em relações tóxicas. Diante disso, considera-se a relevância dos vínculos primários na constituição subjetiva do sujeito e na forma como o indivíduo tende a se vincular ao outro ao longo da vida, este processo se dá de maneira inconsciente.

Ademais, ao considerar a teoria do apego, comprehende-se que, quando a criança é cuidada de maneira sensível e consistente, tende a desenvolver um modelo seguro de apego, o que favorece a autonomia, a autoconfiança e a capacidade de estabelecer relações saudáveis. No entanto, experiências precoces marcadas por negligência, rejeição ou inconsistência emocional podem gerar modelos inseguros de apego, os quais se manifestam, na vida adulta, sob a forma de relações marcadas

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

por dependência afetiva, medo do abandono ou idealização excessiva do outro (Dalbem; Dell'algio, 2005). Diante disso, as marcas das vivências infantis tendem a se repetir, principalmente quando o sujeito não teve a oportunidade de elaborar ou ressignificar essas experiências. Em suma, comprehende-se que muitas mulheres permanecem em relacionamentos prejudiciais não por falta de percepção ou por escolha consciente, mas por estarem aprisionadas em um modelo internalizado de vínculo afetivo que as conduz, inconscientemente, à repetição de padrões aprendidos ainda nos primeiros anos de vida.

A constituição psíquica do ser humano difere fundamentalmente da existência instintiva dos animais. A autora Valeska Zanello (2022) propõe uma distinção clara ao usar a metáfora da barata: em que o animal já nasce com um repertório instintivo que lhe garante a sobrevivência. O ser humano, ao contrário, nasce em um estado de desamparo, sendo incapaz de sobreviver por conta própria. Essa condição de dependência absoluta não é apenas biológica, mas funda a necessidade de um outro, um cuidador que, para além de prover o alimento, aposte na vida desse bebê para que ele tenha vida e lhe dê um lugar no mundo simbólico.

É essa dependência inicial que define a experiência humana. O bebê não é regido por instintos fechados, como a autora cita que a barata é regida, pelo contrário, o bebê é moldado pela cultura e pela linguagem que esse cuidador lhe apresenta. Diferente da barata, que nasce sabendo, o ser humano precisa aprender tudo: ele precisa que lhe ensine a falar, a comer, a andar e a se vestir. O sujeito é, portanto, efeito daquilo que o outro lhe transmite. É nesse processo de ser "humanizado" pela cultura que o indivíduo se constitui, absorvendo as normas, os valores e os códigos sociais ao seu redor via cuidador.

Nessa relação primordial de cuidado e ensino, o sujeito não aprende apenas tarefas práticas, mas também como se relacionar, como lidar com as suas emoções, vontades, com os desafios e frustrações que encontra ao longo da estrada da vida. O modo como o cuidador responde ou falha em responder às demandas da criança estabelece as bases de seus futuros vínculos afetivos.

Ainda refletindo sobre a influência das relações familiares na vida da criança, é importante considerar não apenas como ela se relaciona com seus cuidadores, mas também como percebe a relação existente entre eles. Como destaca Kuss (2014, p. 37), “tão importante quanto é a relação da criança com os pais também é, portanto, o modo como a criança percebe o relacionamento de seus pais”. Isso mostra que, desde muito cedo, a criança observa e absorve aspectos do convívio conjugal dos pais ou responsáveis, o que pode impactar diretamente sua formação. A forma como ela presencia afeto, conflito, silêncio ou cuidado entre os adultos que a cercam contribui para moldar sua noção de segurança, autoestima, capacidade de comunicação e modo de lidar com sentimentos e situações. Quando o ambiente familiar é atravessado por tensões, distanciamentos ou conflitos, a criança pode internalizar a ideia de que amor se confunde com dor, ou até que é necessário se esforçar

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

constantemente para ser amada. Assim, ao crescer o indivíduo na fase adulta pode ter dificuldades para distinguir o que é amor e o que é dor, também os limites e fronteiras, repetindo, sem perceber, padrões aprendidos ainda na infância.

Como ressalta Suy (2022, p. 34-35):

Amar é algo que aprendemos sendo amados. É porque alguém em algum momento nos amou, ainda que tenha amado mal, que a gente aprende a amar, ainda que ame mal. Mas nossas primeiras experiências de amor são irremediáveis. Não no sentido de que elas nos paralisam e condenam necessariamente num mesmo ponto, mas no sentido de que ninguém sai imune da família que tem. Ninguém sai ilesa de uma mãe, de um pai, dos irmãos etc. Nossa modo de ocupar um lugar mais ou menos precioso para alguém servirá como bússola para nos posicionarmos no campo do amor, nas escolhas da vida madura, ainda que não seja tão madura assim.

O ambiente familiar, portanto, não determina o sujeito de forma fatal, mas inevitavelmente a marca, e essas marcas ficam inscritas em seu psiquismo. Ainda assim, o sujeito pode, ao longo da vida, buscar elaborar essas inscrições com recursos, como, por exemplo, o processo terapêutico, que oferece um espaço de escuta, acolhimento e ressignificação. Trata-se, portanto, não de uma condenação, mas de uma herança simbólica que orienta, de forma inconsciente, a construção do desejo e os modos de se relacionar.

## A NORMA INTERIOR

Ademais, é importante destacar que o superego, na teoria psicanalítica, é a instância psíquica que representa a interiorização das normas, valores e proibições aprendidos ao longo da infância, especialmente por meio das figuras parentais. Ele atua como uma espécie de juiz interno, responsável por censurar desejos, impor ideais e regular a conduta do sujeito.

Conforme destaca Oliveira (2018):

O papel que o superego assume na vida do sujeito, inicialmente é exercido pelos agentes externos, ou seja, pelas figuras de autoridade. A influência dos pais governa a criança dando-lhe amor e ameaças de castigo e somente mais adiante no desenvolvimento, com o processo edípico, o superego toma o lugar da instância parental, assumindo as funções de observar, dirigir, ameaçar o ego, assim como faziam os pais.

Esse movimento mostra como o sujeito passa a carregar dentro de si as exigências, proibições e ideais herdados do ambiente familiar e da cultura.

No contexto de relações tóxicas, o superego pode se mostrar especialmente rígido, fazendo com que a mulher se sinta culpada por desejar romper ou se afastar do parceiro. No entanto, o superego não se limita às influências familiares, ele também absorve ideais culturais e sociais. Esses ideais, absorvidos e reforçados pelo superego, favorecem a manutenção de crenças disfuncionais sobre si mesma, sobre o outro e sobre o relacionamento, contribuindo para que ela permaneça em vínculos prejudiciais mesmo diante do sofrimento.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025

## ALIENAÇÃO DO EU PELO OLHAR DO OUTRO: A MULHER COMO IMAGEM DESEJÁVEL E NÃO COMO SUJEITO DESEJANTE

### 6.1 O Olhar que Constitui e Detém

Nas relações afetivas contemporâneas, estuda-se um fenômeno interessante em que o olhar do outro se torna elemento estruturante da identidade feminina. Ele surge no campo do outro, ou seja, dentro da linguagem, da cultura e das relações. O sujeito deseja ser desejado, reconhecido, amado. O lugar que ocupa no desejo do outro. Nos relacionamentos, mulheres são movidas pelo desejo de ser aceita, escolhida, desejada. Logo, o próprio desejo, força que parte do sujeito, é silenciado. Essa alienação, ocorre quando se passa a enxergar-se primordialmente como objeto desejável, e não como sujeito desejante.

Suy e Dunker (2025, p. 18), na obra *Eu só existo no olhar do outro?* abordam essa dependência do olhar alheio na constituição do eu: “Nós descobrimos nós mesmos quando nós reconhecemos no olhar do outro.” Essa citação aponta para a ideia de que mesmo quando se encontra de cara com o outro, na verdade também se dá conta que está de cara consigo mesmo.

### 6.2 O Reflexo da Alienação

O filme Norueguês *A Meia Irmã Feia* (2025), dirigido por Emilie Blichfeldt, apresenta uma releitura do conto clássico de Cinderela que se distingue por sua inflexão para o subgênero do terror corporal (*body horror*). A história explora os efeitos da idealização e da busca obsessiva por aceitação, no contexto em que a beleza é o principal critério de valor no reino onde vive. Elvira, protagonizada pela atriz norueguesa, Lea Myren, submete-se a procedimentos estéticos de tortura e dolorosos, evidenciando a tentativa desesperada de moldar-se a um ideal inatingível e fantasioso, de que somente assim poderá ser desejada e escolhida pelo príncipe. Tal narrativa dialoga diretamente com a concepção psicanalítica, pois o sofrimento físico apresenta de forma concreta a dor psíquica de uma mulher aprisionada na necessidade de ser amada e reconhecida.

A estética do filme, marcada pelo desconforto e pela metamorfose grotesca do corpo, revela a dimensão inconsciente de um desejo que se volta contra o próprio sujeito. As cenas que mostram Elvira, deformando o próprio corpo, servem como representação condensada visual desse processo autodestrutivo, já que a protagonista não busca transformar-se por vontade própria, mas para corresponder à expectativa do olhar masculino e social. O corpo, então, deixa de ser morado do sujeito e se torna objeto de exibição. Lacan (1998), diz que, o olhar tem poder de alienar o sujeito, levando-o a identificar-se com uma própria imagem refletida no desejo do outro. O corpo, nesse contexto, torna-se superfície de reconhecimento, não expressão de desejo.

Essa dinâmica afirma o movimento descrito anteriormente por Kuss (2014), quando diz que “amar é errar o alvo”. A personagem erra o alvo ao confundir amor com aceitação, desejo com aprovação, salvação e o olhar do outro com a própria existência. A figura da “irmã feia” simboliza

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

para as mulheres que, não suportando o sentimento de falta, transformar seu corpo em campo de batalha contra a própria imperfeição é o ideal. A beleza, nesse caso, é uma tentativa de cura impossível. O corpo é mutilado em nome de um ideal que nunca se realiza.

### **6.3 A Fantasia e a Idealização do Amor**

Por conseguinte, desde suas cenas iniciais, o filme estabelece a condição de Elvira como uma jovem consumida pelo ideal romântico e pela pressão estética, elementos que são vinculados por meio de suas fantasias que funcionam como mecanismo de defesa psicológica, onde a realidade da competição cruel e das automutilações é temporariamente substituída por um cenário de aceitação e amor. Essas cenas recorrentes geralmente apresentam o Príncipe Julian, interpretado por Isac Calmroth, de uma maneira que contradiz seu comportamento real e superficial no filme.

A relação de Elvira com o príncipe é marcada pela fantasia e pela idealização. Ela projeta nele uma figura de completude, sem de fato conhecê-lo, e acredita que será finalmente inteira quando for escolhida. Essa idealização traduz um amor infantil que não amadureceu, o amor que ainda espera ser salvo, visto e reconhecido.

Pesquisas recentes apontam que a idealização romântica e os mitos do amor perfeito continuam sendo fatores que sustentam relações abusivas e desiguais, segundo Martín Salvador et al. (2021). Os mitos mais aceitos são aqueles relacionados à idealização do amor, a paixão eterna, o casamento e o mito da alma gêmea. Tais crenças alimentam o imaginário feminino de que o amor verdadeiro é aquele que completa e que o sofrimento é parte natural do vínculo.

### **6.4 A Educação Sentimental da Mulher**

A figura da mãe de Elvira, representa a herança psíquica de alienação feminina. Na cena em que, após a morte do marido, afirma estar arruinada, viúva de seios flácidos, envelhecida, com duas filhas sem esperança, o filme *A Meia Irmã Feia* (2025) de forma representativa apresenta um cenário que aponta a desvalorização da mulher quando ela deixa de representar o ideal dominante de juventude, beleza e faz com que os homens não mais a observem. O discurso materno aqui diz algo além, lamenta não apenas o luto da morte do parceiro, mas a perda de valor em termos sociais, demonstrando que a ausência da figura de um homem significa a perda do próprio valor. Sem ele, ela sevê afundada em dependência financeira sem nada para oferecer a não ser um corpo envelhecido, sem funcionalidade de desejo, apenas esperando por outro casamento que a salve. O casamento de Elvira. É importante não ignorar a interiorização das normas culturais que equiparam o amor, o cuidado e o reconhecimento feminino à aceitação "do outro", neste caso, o masculino, como um reflexo da própria dignidade e identidade. Este é um ponto contundente de como as identidades das mulheres frequentemente estão atreladas aos homens em suas vidas, obscurecendo sua individualidade e potencial.

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

Ao se enxergar como arruinada, a mãe revela que seu eu idealizado foi construído com base no cuidado e na atenção dos homens e, assim, se desfaz completamente quando o marido morre. Elvira, por sua vez, internaliza a lição da agonia de sua mãe e aprende inconscientemente que a salvação e o reconhecimento das mulheres giram em torno de um herói, nesta obra, um princípio que poderá salvá-las de uma existência pobre e vulnerável. É possível notar que mãe e filha compartilham uma fantasia transgeracional de que o amor romântico e a idealização de seu cônjuge como o ápice da felicidade são a forma de se tornar completa novamente quando se percebe perdida e sem saída.

Tendo em vista que este artigo se debruça sobre a dinâmica da adultez jovem e feminina, evidenciando as diferenças do funcionamento mecânico para cada faixa etária, que é particularmente um ponto importante para este trabalho, é possível observar, desde muito cedo, que as mulheres são inseridas em um processo de socialização que lhes apresenta o amor como elemento central de suas vidas. Seja através da família e de práticas culturais, como dizem Papalia, Feldman e Martorell (2013, p. 481) “Para muitos adultos jovens, a conquista de um relacionamento estável é percebida como uma marca de sucesso e de desenvolvimento psicossocial”. Essa concepção é reforçada pela ideia de que a juventude representa o momento em que a mulher tem mais a oferecer, seja beleza, vitalidade ou disponibilidade emocional e, portanto, deve ser aproveitada como o tempo certo para conquistar o amor ideal. Crescem, assim, com a convicção de que estar em um relacionamento amoroso, enquanto ainda estão no auge da juventude, é uma forma de provar seu valor e garantir um espaço de pertencimento. Essa perspectiva explica por que muitas mulheres jovens e adultas ficam presas em relacionamentos conturbados e tóxicos por um tempo significativo, entendem que essa é a melhor fase para encontrar um parceiro e caso queiram acabar a relação não encontrarão mais ninguém, pois não terão mais a juventude como atributo.

O investimento afetivo volta-se quase sempre para o outro, em um movimento constante de doação e de tentativa de atender a expectativas externas, enquanto os homens são ensinados a investir em si mesmos, em seus corpos, educação e vida profissional, desenvolvendo seu valor pelo que fazem, conquistam e produzem, e fortalecendo a identidade em torno da autonomia e da ação. As mulheres são ensinadas que seu valor está no quanto agradam, cuidam e acolhem, estruturando sua identidade em torno da aprovação e da conexão, raramente direcionando esse cuidado e amor para si mesmas. Em outras palavras, enquanto o homem busca afirmação fora do vínculo, a mulher busca dentro dele. As mulheres aprendem a se ver como responsáveis pela manutenção das relações, como se o fracasso de um vínculo representasse uma falha pessoal. Desse modo, o amor é compreendido não como uma troca saudável e equilibrada, mas como um campo de esforço e sacrifício, no qual o sofrimento é naturalizado e, muitas vezes, romantizado.

Além disso, quanto mais o tempo passa e a juventude cede lugar à adultez, surge uma sensação crescente de atraso, como se o tempo estivesse se esgotando para viver o amor idealizado.

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

A pressão social para estar em um relacionamento torna-se um marcador de valor e competência afetiva, fazendo com que muitas mulheres se sintam incompletas ou insuficientes diante da ausência de um parceiro ou da falta de ser escolhidas. Essa percepção de estar ficando para trás, de ficar sozinha ou “ficar para titia”, reforça a urgência de se vincular, mesmo que em contextos que não promovam bem-estar ou reciprocidade.

Isso reflete o que muitas vezes acontece em casos de relacionamentos românticos tóxicos aos quais tantas jovens e mulheres adultas estão expostas, conforme discutido no presente artigo. As crianças na infância internalizaram esses movimentos como verdade, tornam-se possivelmente dependentes, repetindo laços de dependência emocional, submissão e medo da solidão na fase adulta. Elvira demonstra que se enxerga como solução para o momento de crise que sua família enfrenta, incorporando o legado psíquico dessa crença, repetindo em si mesma o desejo inconsciente de reparar, por meio de um casamento com o outro. A maneira como essas expressões cinematográficas acentuam o exemplar da lógica de repetição e permanência que esta tese tenta examinar.

## **6.5 A Crença da Sexualização como Chave para o Amor**

O corpo feminino, historicamente moldado como objeto de desejo e consumo, também é utilizado como veículo de esperança: a crença de que “se ele me conhecer o suficiente” ou “se eu ceder” pode garantir o amor e atenção. Nesse sentido, a mulher que busca relacionamento com um homem que não demonstra compromisso real pode assumir o papel de quem oferece seu corpo ou sua sexualidade na expectativa de conquistar alguém idealizado, mesmo que ele não seja digno desse ideal. O filme é descrito pelo The Guardian como “um filme hiperconsciente das imagens sexuais e patriarcais do conto de Cinderela”, funciona como metáfora extrema dessa dinâmica: a protagonista Elvira expõe seu corpo em performance para ser vista, escolhida e validada.

Na realidade, a dinâmica pode se refletir na relação entre uma mulher e um ficante que não demonstra compromisso, mas que alimenta falsas esperanças na oscilação entre sumir, porém, voltar oferecendo migalhas. A mulher, movida pela esperança de que sua beleza, sua sexualidade ou seu tempo juntos farão com que ele se comprometa, pode se submeter a posições abaixo do que espera, seja por renunciar a um vínculo emocional estável ou aceitar ser apenas companhia sexual. Essa entrega é alimentada por mensagens culturais internalizadas: “se você for desejável, será escolhida” ou “o corpo atrativo te coloca na prateleira do amor”. O corpo, nesse contexto, deixa de ser expressão da subjetividade e se transforma em instrumento de aceitação. A mercadoria que se espera que compre atenção ou um futuro conjugal. O compromisso vira benefício.

Pesquisas sobre sexualização e objetificação indicam que essa mercantilização não é inofensiva. Segundo Noll et al. (2021), o uso de mídias sexualizantes e a exposição a padrões de beleza corporal estão positivamente associados à auto-objetificação, autoestima negativa e sintomas de ansiedade, indicando que quanto mais o corpo é tratado como objeto, mais a mulher internaliza

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

esse olhar. Além disso, a experiência de objetificação sexual está relacionada a maiores níveis de insatisfação corporal e comportamentos de risco, como padrões alimentares desordenados (Xavier et al., 2020).

No contexto do ficante, a expectativa de que o corpo sexualizado mobilize algo mais duradouro representa uma forma de mercantilização afetiva: a mulher transforma sua sexualidade em recurso para alcançar reconhecimento. No entanto, o olhar do outro permanece dominante, e a autonomia dela se dilui. Essa perspectiva dialoga inteiramente com a ideia de Zanello (2022) enquanto ela se empenha em ser vista, ser desejada, ser escolhida, o homem permanece na posição de consumidor ou espectador, raramente como colaborador afetivo. Assim, o amor se torna mais uma vez fantasioso e o amor-próprio é deixado de lado.

Estudos mais recentes também mostram que a auto-sexualização pode ter dupla face. Paula e Mendes (2021) demonstram que a vigilância do corpo (body surveillance) está associada a menor assertividade sexual e autoestima reduzida, enquanto práticas conscientes de auto-sexualização podem, em certos contextos, estar ligadas à agência sexual. Ou seja, a diferença entre subordinação e escolha ativa é sutil, mas significativa: quando a mulher age apenas como objeto do desejo alheio, a expectativa de retorno, amor, compromisso, segurança, frequentemente leva a práticas que drenam sua autonomia.

No filme *A Meia-Irmã Feia*, a cena final em que Elvira se reverencia diante do príncipe e expõe seus seios exemplifica essa dinâmica. Mesmo diante de sinais claros de que o príncipe não pretende se envolver sexualmente ou emocionalmente após a chegada da figura principal de protagonista Agnes, a “irmã bela”, ela mantém a esperança de que a visibilidade ou entrega fará a diferença. A mercantilização do corpo, neste caso, é usada como “moeda de troca” para tentar obter atenção e afeto. Uma expectativa que raramente se cumpre na vida real.

As consequências para o psiquismo são significativas: internalização de fracasso, vergonha e culpa, além de redução da percepção de desejo próprio e limitação da intimidade genuína. Xavier et al. (2020) destacam que experiências de objetificação sexual estão correlacionadas com comportamentos de risco e maior vulnerabilidade psicológica, evidenciando que o uso do corpo como instrumento de aceitação traz custos emocionais e cognitivos consideráveis.

Portanto, romper esse ciclo implica recriar a narrativa sobre o corpo e o desejo. O corpo pode expressar desejo, mas não precisa carregar o peso da sobrevivência afetiva. Quando a mulher se coloca como sujeito, e não como objeto na prateleira que precisa ser escolhida, ela preserva autonomia, identidade própria e agência, abrindo espaço para vínculos mais reais e profundos.

## **ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO**

A repetição de padrões tóxicos e relacionamentos instáveis é uma realidade para muitas

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

mulheres. A psicanálise oferece técnicas, como a associação livre, caminhos de compreensão e transformação que tornam possível romper ciclos antigos quando há comprometimento e paciência no processo que não é linear. O primeiro passo fundamental é buscar terapia, pois compreender o próprio funcionamento da mente e corpo, é essencial para começar a fazer escolhas mais conscientes. Nas palavras de Nasio (2013, p. 45), “O mesmo inconsciente que nos impele a repetir com serenidade comportamentos bem-sucedidos nos leva também a repetir, compulsivamente, atitudes que conduzem ao fracasso”. Ou seja, compreender a dinâmica interna da repetição é o ponto de partida para alterá-la.

A psicanálise oferece um espaço seguro para que o sujeito explore suas experiências na infância, seus vínculos familiares e história de vida, traçando como essas vivências moldam seus desejos e comportamentos no presente. Barbosa Neto & Rocha (2025) sustentam que a compulsão à repetição frequentemente decorre de traumas recalcados ou não representados adequadamente, o que implica que a efetiva elaboração analítica desses conteúdos, incluindo trazer à consciência, torna-se condição para seu tratamento. Barbosa Neto e Rocha (2025) também pontuam que, compreender essas repetições permite ao sujeito diferenciar o que é desejo genuíno do que é compulsão, abrindo caminhos para escolhas conscientes.

No contexto dos relacionamentos, isso significa perceber por que algumas mulheres assumem papéis dependentes ou de benefício, acreditando que sua entrega sexual, disponibilidade afetiva, sacrifício ou persistência fará com que o parceiro se comprometa, a assuma. Ou até mesmo permaneça. Ao compreender que essa dinâmica está ligada a padrões antigos de desejo, abandono e rejeição, a mulher começa a se distanciar do comportamento automático e passa a escolher de forma mais consciente.

Outro ponto importante é o entendimento de que o pretérito influencia o presente, mas não determina o futuro. A repetição não é o final do destino, mas pode ser o ponto de partida, terapia e análise podem abrir portas para o sujeito refletir e reconstruir caminhos. A psicanálise, portanto, oferece instrumentos para transformar experiências de dor e frustração em aprendizado e autonomia. Até mesmo sublimação. Trabalhar essas experiências possibilita que a mulher compreenda como suas escolhas afetivas estão enraizadas em padrões inconscientes, abrindo espaço para decisões mais saudáveis.

A terapia também atua na construção de autonomia e fortalecimento da subjetividade, capacitando o sujeito a se reconhecer antes de buscar reconhecimento externo. Halperin (2025, p. 12) observa que “a análise proporciona ao indivíduo um espaço de reflexão sobre sua própria agressividade, suas necessidades e desejos, criando condições para escolhas mais autênticas”. Assim, a mulher deixa de utilizar seu corpo ou sua sexualidade como moeda de aceitação, e passa a se colocar como sujeito de desejo, não mais como objeto de validação.

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

Por fim, compreender e trabalhar os próprios padrões facilita a criação de novas estratégias de enfrentamento diante de situações de vulnerabilidade emocional. A terapia psicanalítica promove o reconhecimento de sentimentos e necessidades, permitindo que a mulher identifique sinais de alerta em relacionamentos futuros e estabeleça limites claros. Esse processo de autoconhecimento, aliado à análise do passado, é fundamental para quebrar o ciclo da repetição e abrir espaço para vínculos mais equilibrados, conscientes e satisfatórios.

Portanto, investir em terapia psicanalítica significa investir em si mesma. Entender como o passado molda o presente, reconhecer padrões de repetição e fortalecer a subjetividade são passos essenciais para a transformação pessoal. A psicanálise não apenas ajuda a interpretar experiências anteriores, mas também oferece ferramentas para criar novas narrativas de vida, possibilitando que escolhas afetivas futuras sejam pautadas no desejo genuíno e não na repetição de traumas antigos.

## **CONCLUSÃO**

Diante do exposto, observa-se que a repetição e a permanência feminina em relações tóxicas envolvem uma complexa rede de fatores inconscientes e socioculturais. Entender esse movimento exige um olhar que vá além do comportamento visível. A Psicanálise permite escutar o que está por trás da repetição: fantasias inconscientes, dores antigas que ainda reaparecem, marcas da infância, como o sujeito se constituiu. Mais do que olhar apenas o comportamento, a abordagem convida a compreender o sujeito em sua totalidade, suas estruturas psíquicas, sua história, seus afetos e defesas. Se entrelaçando com discursos socioculturais que, desde cedo, ensinam que amar é ceder, calar e suportar. É nesse emaranhado que muitas mulheres acabam se perdendo de si. Essa articulação teórica, portanto, fundamenta a proposta deste trabalho e permite uma compreensão mais ampla e profunda do sofrimento psíquico envolvido nesse tipo de vivência. Ainda assim, é importante reconhecer que a permanência na relação tóxica não se restringe àqueles casos em que a mulher desconhece o sofrimento ou não percebe a dinâmica prejudicial. Há também aquelas que, mesmo conscientes da toxicidade do vínculo, continuam repetindo o padrão, seja ela em novas relações ou a mesma. Tal fenômeno evidencia que a consciência, por si só, não é suficiente para interromper a repetição, já que está opera em camadas profundas do psiquismo e se sustenta em marcas afetivas e identificações construídas ao longo da vida.

Assim, este trabalho não pretende oferecer respostas definitivas nem propor a eliminação completa da repetição, mas abrir espaço para que novas pesquisas explorem esses desdobramentos. A repetição, na perspectiva psicanalítica, não desaparece, pelo contrário, ela se transforma à medida que o sujeito se desfaz e se reinventa. Talvez, portanto, a questão não seja “como impedir a repetição”, mas como favorecer movimentos mais saudáveis dentro dela, permitindo que cada retorno não seja com a mesma versão de si. Ao ampliar a compreensão sobre esses mecanismos, este estudo contribui

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

para ampliar o campo de reflexão sobre o sofrimento feminino nas relações amorosas, o papel que elas têm consigo mesmas e afirmando que romper ou transformar um vínculo tóxico é um processo complexo, individual e sempre em construção. Que requer análise, elaboração e ressignificação das tramas que ligam o amor à dor.

## **REFERÊNCIAS**

A Meia-Irmã feia (The Ugly Stepsister). Direção de Emilie Bjerke. Noruega, 2025. Filme.

ALMEIDA, Alexandre Patrício de; NETO, Alfredo Naffah. A teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott: novas perspectivas para a educação. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 517–536, set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p517.3>. Acesso em: 21 mar. 2025.

ALMEIDA, Thiago de; RODRIGUES, Kátia Regina Beal; SILVA, Ailton Amélio da. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. Estudos de psicologia (Natal), v. 13, p. 83-90, 2008.

BARBOSA NETO, E.; ROCHA, Z. Repetir, repetir, repetir... por quê? Revista Psicologia & Saberes, v. 3, n. 4, 2025. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/259>. Acesso em: 11 ago. 2025.

BERNARDINO, Adriana Vasconcelos; DE MATOS, Beatriz Pardal; DA ROSA, Camila Leal Vieira. Dispositivos amorosos, repetição de padrão familiar e relacionamento abusivo: impactos e atravessamentos. Revista Mosaico, v. 15, n. 3, p. 298-313, 2024.

CÍCERO CONDE, A. F.; COSTA, P. J. da. Discussão sobre a inexorabilidade da compulsão à repetição. Analytica: Revista de Psicanálise, v. 9, n. 16, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsj.edu.br/analytica/article/view/2814>. Acesso em: 11 ago. 2025.

COSTA, Lucas Lazzarotto Vasconcelos; VISENTINI, Danielle Machado; SCOTT, Juliano Beck; SIQUEIRA, Aline Cardoso. Gênero e violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes. Interação em Psicologia, Curitiba, Paraná, Brasil, v. 27, n. 3, 2023. DOI: 10.5380/riep.v27i3.87183. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/87183>. Acesso em: 2 nov. 2025.

DALBEM, Juliana Xavier; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 57, n. 1, p. 12–24, 2005. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v57n1/v57n1a03.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2025.

FERRANTE, Anyelle Theodoro; SOUSA, Araceli Spera de. Um estudo sobre os relacionamentos abusivos ou tóxicos em casais heterossexuais. 2021. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2021.

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**  
Disponível em: <https://dspaceapi.baraodemaua.br/server/api/core/bitstreams/40af8650-236c-4d9a-9a34-ccb81f474b71/content>. Acesso em: 26 fev. 2025.

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, v. 12). Disponível em: <https://www.e-gaio.com.br/wp-content/uploads/2023/06/Recordar-Repetir-e-Elaborar-1914.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2025.

HALPERIN, C. Breves considerações sobre a agressividade e a compulsão à repetição. Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, v. 20, art. 670, 2025. Disponível em: <https://revista.sbpdepa.org.br/revista/article/view/670>. Acesso em: 23 ago. 2025.

JACINTO, Fernanda Maria; FELIPE, Juliana Ferreira; SOUZA, Sidney dos Santos. ENTRE O DEVER E O SER: O IMPACTO DAS NORMAS SOCIAIS NA DINÂMICA DOS RELACIONAMENTOS TÓXICOS. LUMEN ET VIRTUS, São José dos Pinhais, v. XV, n. XLII, p. 6766, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/levv15n42-016>.

KUSS, Ana Suy Sesarino. AMOR E DESEJO: UM ESTUDO PSICANALÍTICO. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/37140/R%20-%20D%20-%20ANA%20SUY%20SESARINO%20KUSS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 abr. 2025.

LACAN, Jacques. A significação do falo (1958). Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 685–695.

LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MARTÍN-SALVADOR, A. et al. Dating Violence: Idealization of Love and Romantic Myths in Spanish Adolescents. International Journal of Environmental Research and Public Health, v. 18, n. 10, p. 5296, 2021.

MATOS, C. de C.; DE OLIVEIRA, S. R.; PAQUIELA, L. C. K. dos S. DEPENDÊNCIA EMOCIONAL EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO: ABORDAGENS PSICOLÓGICAS. Revista Contemporânea, [S. l.], v. 3, n. 11, p. 24092–24113, 2023. DOI: 10.56083/RCV3N11-200. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/2406>. Acesso em: 7 nov. 2025.

NASIO, J.-D. Por que repetimos os mesmos erros. 2. ed. São Paulo: Zahar, 2013.

Noll, J. A., Silva, R. L., & Carvalho, T. M. (2021). Exposição corporal e auto-objetificação: impactos da mídia sexualizada sobre jovens mulheres. Revista Psicologia e Sociedade, 33(1), 1-12.

**Ano V, v.2 2025 | submissão: 29/11/2025 | aceito: 01/12/2025 | publicação: 03/12/2025**

OLIVEIRA, Luzia Carmem de. A Constituição do Ego e Superego na Teoria Freudiana, que Lugar para a Educação?. Congresso Brasileiro de Psicologia da FAE. 2018. p. 231-238. Disponível em: <https://cbpsifae.fae.edu/cbpsi/article/viewFile/62/61>. Acesso em: 05 mar. 2025.

Paula, M., & Mendes, L. (2021). Auto-sexualização versus auto-objetificação: impactos sobre agência sexual e autoestima. *Cadernos de Psicologia*, 29(2), 112-129.

PEREIRA, Rosana Aparecida Stelle. Os impactos de um relacionamento tóxico na saúde da mulher. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Formação em Psicanálise) – Sociedade Brasileira de Psicanálise, Sorocaba, 2023. Disponível em: <https://sobrap.com.br/assets/img/bucket/8fe9f4784cd2e496f48bb1ef85c1f03f.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SUY, Ana. *A gente mira no amor e acerta na solidão / Ana Suy*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

SUY, Ana; DUNKER, Christian. *Eu Só Existo no Olhar do Outro?* São Paulo: Paidós, 2025.

The Guardian. (2025). A Meia-Irmã Feia review: a hyper-conscious take on Cinderela. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2025/jan/21/a-meia-irma-feia-review>. Acesso em: 2 nov. 2025.

Xavier, F., Oliveira, P., & Lima, S. (2020). Objetificação sexual e saúde mental em universitárias. *Revista Brasileira de Psicologia*, 44(3), 45-60.

ZANELLO, Valeska. *A Prateleira do Amor: sobre mulheres, homens e relações*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.